

Deponente: Dozinho e Pequi. Maxacali.

Entrevistadores: Marco Túlio Antunes Gomes.

Data: 7 de junho de 2017.

DOZINHO E PEQUI

MARCO TÚLIO: Ali em Nanuque eu acho, minha mãe! Teve um outro caso de Alcides, né, que foi antigamente também, que é o pai de Doutor Silva, nós já passou pro Doutor Silva, contei um pouquinho.

DOZINHO: Já falou?

MARCO TÚLIO: Já.

DOZINHO: Ai acabou. Eu falar outro.

MARCO TÚLIO: Isso, então nós que você mantém um pouquinho, mas cê fala português, história antiga, porque aquele dia, antigamente... Antigamente, não, ruma ali pouquinho, oh, Dozinho (trecho em língua indígena) matou Dozinho, não foi isso? Né, mas não foi isso.

DOZINHO: (trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: É, não tinha morrido, e ajudou você. Então o governo (trecho em língua indígena) pra não mexer tinha mais não, o governo mandou ele (trecho em língua indígena), se (trecho em língua indígena) mexer contigo, governo vai mandar (trecho em língua indígena). Nós vimos aquele caso também, lá de Valdeir, de Rondon lá na rua que matou (trecho em língua indígena).

DOZINHO: É da nossa terra.

MARCO TÚLIO: Adique está solto lá, porque está solto? O governo não sabe de nada, né, governo pegou papel e guardou, e Valdeir está enterrado e a gente tá andando (trecho em língua indígena) criminoso. É, exatamente, governo mandou pra ver essas morte. É, essas morte. Então não vai...

DOZINHO: (Trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: Aqui em rumam, ontem, essa semana (trecho em língua indígena) Água Boa (trecho em língua indígena) Foi e falou: “eu vou lá ver então”, ai não mas (trecho em língua indígena) não, é a de rico, outro matou e jogou dentro d’água. (Trecho em língua indígena) você está sabendo, né?

DOZINHO: Aham.

MARCO TÚLIO: É uai, ali uai.

DOZINHO: (trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: É, exatamente, então o pessoa de ir. Nos ficou preocupado lá, porque eu cheguei em Água Boa ontem (trecho em língua indígena). Então são esses casos, que poderia ser (trecho em língua indígena), não é, poderia ser (trecho em língua indígena) mas (trecho em língua indígena) né.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: Pois é.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) maconha.

MARCO TÚLIO: Isso.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) matou.

MARCO TÚLIO: Chama (trecho em língua indígena).

DOZINHO: (trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: É de lá.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) ai jogou dentro d'água.

MARCO TÚLIO: Nós ficamos preocupados pensando que fosse Ilton, porque Funai lá, eu, Ilton, Marilton, Dina e nós estamos lá, são quatro funcionários, mas que tem que acudi tudo quanto que é lado, eu estou aqui hoje, amanhã posso estar em outro canto, né, Ilton tá pra Belo Horizonte, Marilton e Dina tá lá, e nós viemos acudir essas coisas, porque você (trecho em língua indígena) você sabe disso (trecho em língua indígena) e nós antigamente morou muito em (trecho em língua indígena).

DOZINHO: (Trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: Isso.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: Isso, e depois vem cá pa Onça, veio Marcelino, entendeu?

DOZINHO: A Onça, João, Antônio (trecho incompreensível) capitãozinho.

MARCO TÚLIO: Veio o pai de guia, como que chamava? Geraldo, pai de guia?

DOZINHO: Vicentinho.

MARCO TÚLIO: Vicentinho, Pedrinho.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) .

MARCO TÚLIO: Pois é.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena)

MARCO TÚLIO: Pedrinho, Vicentinho. (Trecho em língua indígena) você (trecho em língua indígena) e essa história com ele.

DOZINHO: Uhum.

MARCO TÚLIO: Entendeu? Isso nós conversou, Tico morreu lá, precisa falar português, que Dozinho fala português até bom, você viu? Fala um pouco (trecho em língua indígena) pouquinho ai, essas coisas, só vocês dois, né, você pode (trecho em língua indígena) contar diretinho pra ele, ele vai negociar pro cê, pra governo, você vai (trecho em língua indígena).

DOZINHO: Eu fala língua mesmo.

MARCO TÚLIO: Não, você tem que falar pra ele entender.

MARCO TÚLIO: Mas se você puder traduzir também, não tem problema, não.

MARCO TÚLIO: Entendeu.

MARCO TÚLIO: Ele vai falando e você traduz, senão tiver problema.

DOZINHO: Uhum. Vê ai, Do, começa um pouquinho ai de família sua.

DOZINHO: Falar com português?

MARCO TÚLIO: Pode falar português, se saber falar pode falar, história de cada um você conta. História de capa onça. Como é que foi capa onça?

DOZINHO: Ai o povo matou (trecho em língua indígena) ai matou lá.

MARCO TÚLIO: Quem matou, ninguém sabe?

DOZINHO: Eu não sei, o povo lá, (trecho em língua indígena) estrada de Nanuque, ai matou.

MARCO TÚLIO: Pois é, mas tem que falar português, Do, pra ele entender.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) ai matou, estrada de Nanuque, perto de estrada, assim, ai decia preso em Nanuque, ai matou aqui. Eu, enquanto eu pra cá, matou também irmão, dois irmão, matou, povo matou, era inocente. Matou, corri.

MARCO TÚLIO: Irmão do senhor? Irmão do senhor?

DOZINHO: João, dois irmão.

MARCO TÚLIO: João, como que era o nome?

DOZINHO: É...

MARCO TÚLIO: Pode falar, senhor. E o outro (trecho incompreensível) e outro?

MARCO TÚLIO: João e Capão.

DOZINHO: João Cego.

MARCO TÚLIO: João Cego?

DOZINHO: É. João Cego, é o que ficou sozinho, eu, irmão, povo matou dois irmão, ai fiquei sozinho.

MARCO TÚLIO: E como que foi do João Cego?

DOZINHO: Não sei, não, (trecho em língua indígena) bêbado também, ai gente um e vem, aí mata na estrada.

MARCO TÚLIO: Foi na estrada de Nanuque também?

DOZINHO: É, na estrada, foi na rua, não, tinha uma estrada, escondido, bandido.

MARCO TÚLIO: E o senhor sabe de outro caso?

DOZINHO: Oi?

MARCO TÚLIO: O senhor sabe de outra história de morte de índio, morte de Maxakali, que mataram?

DOZINHO: Ele sabe também a morte de Pedrinho, né, Pedrinho foi aonde?

DOZINHO: (Trecho em língua indígena).

DOZINHO: Não, mais Vicente? É.

DOZINHO: (trecho em língua indígena) ai fazendeiro matou ele, bêbado também.

MARCO TÚLIO: Matou Pedrinho?

DOZINHO: Não, Vicentinho.

MARCO TÚLIO: Vicentinho, quem matou?

DOZINHO: Sei não.

MARCO TÚLIO: Foi um fazendeiro?

DOZINHO: Não, nós não sabe matou, povo matou e sumiu.

MARCO TÚLIO: E o Antônio Raimundo, o senhor conhece Antônio Raimundo?

DOZINHO: Não.

MARCO TÚLIO: Não?

DOZINHO: Não.

MARCO TÚLIO: Quem era Antônio Raimundo? Lembrei.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: Que é bom então. Pois é, só sabe isso, né?

MARCO TÚLIO: O senhor lembra do Capitão Pinheiro?

MARCO TÚLIO: Pois é, conta a história um pouquinho.

MARCO TÚLIO: Como é que era ele aqui?

DOZINHO: (Trecho em língua indígena). Eu vi o Capitão Pinheiro lá, tem tempo, morava em Água Boa, trabalha lá, tem tanto de polícia (trecho em língua indígena) trabalha mais ele de polícia. Ouviu falar.

MARCO TÚLIO: (Trecho em língua indígena) Oh, Pequi, você sabe um pouquinho, conversa mais nós aqui, Pequi. Conta um pouquinho, sai alguma coisa ai.

PEQUI: Tá sabendo lá no perto do Jeribá, o pai de Vicente, na parte Vitorinha.

MARCO TÚLIO: Que era Vicentinho.

PEQUI: Vicentinho, é. Desceu dois em (trecho em língua indígena) vai até 12 de abril, na vorta daqui, quando de noite, nós vamos pra lá, abrir a porteira, abri a porteira, já entrou lá, perto do fazendeiro. Ai sentado, (trecho em língua indígena), cantando, cantando religião, (TRECHO em língua indígena) e o vaqueiro já vem montado cavalo, trouxe, (trecho em língua indígena) vai embora, vai embora, duas muié correu, não bebeu muito, não, Vicente bebeu muito. Levantou, o vaqueiro deu um (trecho em língua indígena) no peito, aqui. Matou sábado, no sábado, (trecho em língua indígena). Ai matou Vicente, ai Reder correu, escondida, depois veio de noite, de noite, chega até Bastinga 07h00min. “Vicente tá lá, morreu”.

MARCO TÚLIO: Chegou e avisou a (trecho em língua indígena) né.

PEQUI: Chegou e avisou (trecho em língua indígena). Desceu lá Batinga, Guarani, o José Maria, (trecho em língua indígena) Zé Maria, como é o nome desse (trecho em língua indígena) reco-reco atrás de nós, está querendo matar nós, nós três, mas nós dois correu, Estelvina e Irací, correu. Mas Vicente está aqui, mas estava bebe muito, muito, não correu, não.

MARCO TÚLIO: Aguenta não.

PEQUI: Não guenta, não, o vaqueiro matou ele. Segunda, terça, nós correu atrás dele, ah urubu comeu tudo, comeu cabeça, comeu tudo isso aqui, perna, só ficou aqui, calça pegou aqui, urubu comeu tudo, aqui e comeu aqui.

MARCO TÚLIO: Tirou foto não? Não tirou retrato, não?

PEQUI: Polícia tirou, polícia Palmópoli, correu atrás de polícia, conversa polícia, vem junto polícia, o pessoal de saúde daqui, desceu Toyota, desceu Toyota. Ai vem dois carro da polícia, Polícia Militar, Polícia Militar, já desceu, polícia falou assim: “Você fica aqui, fica aqui, dois meu, nós vamo, que o fazendeiro da auxílio pra nós, nós vão atira também”, pegou metralhadora, e pega revolver, ai desceu, na casa dele, igual assim na casa Juarez, nós vamos esperar aqui, e (trecho em língua indígena) pra noite, que (trecho em língua indígena) ai vaqueiro falou: “ah, o fazendeiro está lá no Almenara, eu só trabalha aqui, mas morreu, fazendeiro, só deve está lá muié dele, lá no Almenara, aqui não. Sou vaqueiro mesmo, trabalha.” (Trecho em língua indígena), vaqueiro trabalha pra ele, trabalha serviço, tirar leite, toca gado, fazer cerca, (trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: E quem que é o fazendeiro que matou ele?

PEQUI: Não, não fez não, só sentado, bebeu cachaça.

MARCO TÚLIO: (trecho em língua indígena) você não sabe, não?

PEQUI: Não.

MARCO TÚLIO: Malaca falou, (trecho em língua indígena).

PEQUI: Polícia Militar, polícia de Palmópolis, já viu, tirou o nome dela, põe no papel, tirou tudo. Tirou retrato, tirou tudo, retrato de Vicente, tá lá, mas não é Vicente, não, urubu comeu tudo, deixa metade assim, (trecho em língua indígena) sábado, domingo, segunda nós correu atrás, urubu comeu. Urubu tem muito, urubu (trecho em língua indígena) Etelevina, pessoal, motorista de saúde.

MARCO TÚLIO: Isso faz tempo já?

PEQUI: Hein?

MARCO TÚLIO: Isso faz tempo, muito tempo?

PEQUI: Não é muito tempo, não, agorinha, a o véi Guigui e eu também, depois desceram daqui, morar aqui. É... 2009.

MARCO TÚLIO: 2009. Então tá certo.

MARCO TÚLIO: Tem outro caso também aí? Você sabe de outra história, outro caso aí?

MARCO TÚLIO: Mais antigo?

PEQUI: Antigamente, o vaqueiro de Lauricena matou Alcides. Matou Alcides.

DOZINHO: Como é que o nome dele?

MARCO TÚLIO: Alcides, não é? Não tem?

MARCO TÚLIO: Tem Alcides também.

PEQUI: Então dele é tudo daqui, Alcides, quinta aldeia.

MARCO TÚLIO: Pois é contra a história de Alcides pra nós aí.

DOZINHO: (Trecho em língua indígena)

MARCO TÚLIO: Ah é você!

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) Muié meu.

MARCO TÚLIO: Conta o caso então pra nós, (trecho em língua indígena).

PEQUI: É assim, o vaqueiro do Lauricena matou o pai dela, Alcides, mas isso daí não conhece muito, não. Eles tá mais pequenininho, não sabe.

DOZINHO: Eu conheço.

MARCO TÚLIO: Pois é Do, conta aí.

DOZINHO: Ele matou, Zé Rolinha, de facão.

MARCO TÚLIO: Cadê Zé Rolinha, já morreu?

DOZINHO: Morreu. Polícia matou. Foi: "Pá! Pá! Pá!" Pegou, caiu, (trecho em língua indígena) braba, gente ruim, braba, foi e matou.

MARCO TÚLIO: E o fazendeiro, Laurindo?

MARCO TÚLIO: Morreu também já.

DOZINHO: Laurindo, morava aqui lá a casa, perto de mata, aí, é dele. Antônio Fabrício, nós morar aqui e lá bebem água, lá em cima, e bezerra, bezerra agora está lá, não morre, não.

MARCO TÚLIO: (Trecho em língua indígena).

DOZINHO: Muié morreu.

MARCO TÚLIO: (Trecho em língua indígena).

DOZINHO: Delinho, Cabral, matou irmão dele, Antônio.

MARCO TÚLIO: Quem matou?

DOZINHO: É, fazendeiro é Derino.

MARCO TÚLIO: Antônio Raimundo o nome do índio?

DOZINHO: É, Antônio Raimundo, aqui irmão dele.

MARCO TÚLIO: Ah, o senhor é irmão do Antônio Raimundo?

DOZINHO: É.

MARCO TÚLIO: E como é que foi, o senhor sabe?

DOZINHO: Não sei, não. Foi caçar, pescando, caça preá, capivara, caçar banana, entrou, mas desacontrei ele, tá bom, desceu e tal, tal...

MARCO TÚLIO: Como que é o nome do fazendeiro?

DOZINHO: Derino.

MARCO TÚLIO: Derino.

DOZINHO: Derino. Arthur matou. Depois Cabral, depois capiçal esta (trecho em língua indígena) capiçal, lá em Três Pontas. (trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: O senhor sabe de outros casos também, de fazendeiro que matou índio, ou polícia que bateu em índio?

DOZINHO: Policia bateu, (trecho incompreensível) bateu em guarani tudo, pegou a feira, jogou fora, quebrou ovo, jogou tudo.

MARCO TÚLIO: Isso é qual época, você sabe? Do Pinheiro, depois do Pinheiro?

DOZINHO: Não, depois Pinheiro. Capitão Pinheiro foi embora, lá no Belo Horizonte, levou Tirri daqui, e brigou lá, bateu, manda subir pé de coco, depois atira "Pow! Pow! Pow!", Tirri caiu.

MARCO TÚLIO: O Pinheiro fazia isso?

DOZINHO: Pinheiro faz. Capitão Pinheiro, depois agora Funai trabalhar, mandar Capitão Pinheiro embora.

MARCO TÚLIO: E foi o Tatuítim que mandou ele embora?

DOZINHO: É, Tatuizim e Juquim.

MARCO TÚLIO: E na época do Juquim e do Tatuizim não tinha essas coisa, não?

DOZINHO: (trecho em língua indígena) violência, e Miguel. Miguelzinho, é antiga, Serafina.

MARCO TÚLIO: E nessas época ai, desses que o senhor falou?

DOZINHO: Nazarento.

PEQUI: Nazarento da FUNAI, Juquim FUNAI, Lourenço, FUNAI também, Miguel trabalha pra FUNAI, manda embora tudo.

MARCO TÚLIO: E nessa época não tinha polícia fazendo coisa com índio, não? Ou tinha?

DOZINHO: Não.

MARCO TÚLIO: Esse que você falou que o Pinheiro mandava subir no pé de coco?

DOZINHO: Pois é...

MARCO TÚLIO: Era da época do Pinheiro?

DOZINHO: Pinheiro, polícia e Capitão Pinheiro.

PEQUI: O índio está lá no Krenak, levou (trecho incompreensível) lá no Krenak e deixou lá, deixou aprender e depois traz outro (trecho incompreensível) lá no tirri do Krenak, morar aqui, casou daqui, e tirri tá lá, já trocando tirri.

MARCO TÚLIO: O senhor sabe quem daqui que era Maxakali que foi pro Krenak?

DOZINHO: Janio.

MARCO TÚLIO: Janio.

DOZINHO: Janho, morreu, tem tempo, antiga.

MARCO TÚLIO: Tem mais?

DOZINHO: Não, (trecho em língua indígena).

MARCO TÚLIO: E quem que veio pra cá, do Krenak pra cá, o senhor sabe o nome?

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) sei não, Pataxó...

MARCO TÚLIO: Pataxó?

DOZINHO: (Trecho em língua indígena) gerino, batatinha. Morou aqui, casou com índio, aqui tem filho, (trecho em língua indígena) foi embora.

MARCO TÚLIO: Foi embora, e na época dos índio que viraram polícia, como que era?

DOZINHO: Hã?

MARCO TÚLIO: Na época que os índios viraram polícia, o pinheiro não fez índio virar policial?

DOZINHO: Fez.

MARCO TÚLIO: Como é que era?

DOZINHO: Querezinho, Dodo, Nivaldo, (trecho em língua indígena) Carmindo.

MARCO TÚLIO: Carmindo. E o que eles faziam?

DOZINHO: Posseram polícia aqui pra olhar o tirri.

MARCO TÚLIO: E era bom?

DOZINHO: Bom (trecho em língua indígena) tava não.

MARCO TÚLIO: Não estava bom, não?

DOZINHO: Quando de coisa errar.

PEQUI: Quando Dozinho brigou mulher, até por quem, a polícia pega e prende.

MARCO TÚLIO: Prendeu o senhor?

DOZINHO: Não, tudo.

PEQUI: Não é só ele, não, caçou a gritar, policia pega eu.

DOZINHO: E povo também, eles querem vender cachaça, aí pega também, no Batinga.

MARCO TÚLIO: Batia?

PEQUI: Não, Batinga.

MARCO TÚLIO: Ah, prendia lá?

PEQUI: É. Vender cachaça, o pessoal do Batinga pega, prende, bate.

MARCO TÚLIO: Eles prendia branco e índio?

DOZINHO: Não, pega branco, não estuda, errou ai es pega. É assim.

MARCO TÚLIO: Como que e o seu nome? É Dozinho e?

PEQUI: Meu nome é Pequi.

MARCO TÚLIO: Pequi. Ai, eu estou escrevendo o que vocês estão contando, to gravando aqui, e ai eu vou escrever um documento contando tudo que vocês me falaram dessa época, porque o governo não sabe dessas coisas que aconteceram.

DOZINHO: Tá bom.

MARCO TÚLIO: O senhor, Dozinho e Pequi, o que os senhores acham que faltam aqui hoje para os Maxakali, o que está faltando?

DOZINHO: Tá faltando tudo.

PEQUI: É.

DOZINHO: Tá faltando tudo, tá faltando casa, casa boa, tá faltando gado, tudo, cavalo, tudo tá faltando. Se não receber a bolsa família, mas pouquinho, não é 500 conto, não, não é 1000, não, são R\$ 200,00.

MARCO TÚLIO: R\$ 200,00.

PEQUI: Cada um recebe bolsa família, quem é aposentado recebe mais pouco, R\$ 700,00, 800.

DOZINHO: Eu peguei 700 de aposentado meu, pouquinho.

PEQUI: Quem trabalha (trecho incompreensível), recebe, mas quem não trabalha não recebe.

DOZINHO: Ai sem, vai ajudando.

MARCO TÚLIO: Quem que é professor aqui?

DOZINHO: Tá ai.

MARCO TÚLIO: Tá aí?

DOZINHO: Daqui falta muita coisa pra nós, noprazini, tá faltando escola, tá faltando posto de saúde, tudo. E tá faltando banheiro pra nós, está faltando caixa d'água, grande, aqui não tem, não, lá do lado deles tem, aqui tá faltando, aqui aldeia Nova Vila, quem é cacique daqui é Manoel Damásio, mas saiu.

DOZINHO: Nova vila.

PEQUI: Nova Vila.

MARCO TÚLIO: Tá certo.

PEQUI

MARCO TÚLIO: Eugenio.

PEQUI: Lá no Bartinga, Eugênio. Depois Adalberto.

MARCO TÚLIO: Adalberto.

PEQUI: Depois Renato.

MARCO TÚLIO: Renato.

PEQUI: Depois o Oscar.

MARCO TÚLIO: Oscar.

PEQUI: É, lá no Bartinga, perto do Bartinga. Depois José Ilton.

MARCO TÚLIO: José Ilton.

PEQUI: Adalberto daqui, (trecho incompreensível) Eugênio Bartinga. Bartinga. Oscar... Qual que é o nome dele? Zeca nogueira

MARCO TÚLIO: Zeca Nogueira?

PEQUI: E desse aqui. Acenderam perto do Bartinga, Zeca Nogueira, Zeca Nogueira.

MARCO TÚLIO: Os dois eram Zeca Nogueira, Oscar e José Ilton?

PEQUI: Uhum. Cadê Renato?

MARCO TÚLIO: Renato aqui.

PEQUI: Renato... Renato Bartinga também, lá Bartinga.

MARCO TÚLIO: Trabaia.

MARCO TÚLIO: Isso foi muito tempo ou foi pouco tempo?

PEQUI: Muito tempo, não. Isso daqui é muito tempo.

MARCO TÚLIO: Eugênio.

PEQUI: Oscar, muito tempo. Renato... Depois esta aqui, Renato, muié dele.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: (Trecho incompreensível).

PEQUI: José Ilton ta lá no pé do Bartinga. Então é muito tempo não, isso daqui e daqui, isso daqui é muito tempo, o de cá, e daqui é...

MARCO TÚLIO: Muito tempo.

PEQUI: Muito tempo não, dez ano daqui.

MARCO TÚLIO: Uhum. Ta certo. Obrigado, Pequi.

PEQUI: Aham.